



Encontro Inter-regiões - Nordeste

Região Nordeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00335
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Ceará
CAMPUS	Fortaleza
CIDADE	Fortaleza
UF	CE
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO13
TÍTULO	Contos Para Crianças Pretas
ESTUDANTE-LÍDER	SÂMIA DO NASCIMENTO MARTINS
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	RAFAEL RODRIGUES DA COSTA (Universidade Federal do Ceará); FRANCISCO FARUK CARDOSO GOMES SEGUNDO (Universidade Federal do Ceará)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

O livreto "Contos Para Crianças Pretas" foi produzido em 2019 como uma das produções geradas dentro do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) "Kabelu: Negritude e Cabelo Afro", sob orientação do professor doutor Rafael Rodrigues da Costa, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). A obra é idealizada, escrita e diagramada por mim, Sâmia Martins, com ilustrações do estudante de jornalismo Faruk Segundo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, 53,6% da população brasileira se autodeclarou preta ou parda. Porém, as raízes afrodescendentes ainda são fortemente criminalizadas no país, sendo constantemente associadas a fatores como a marginalidade, o perigo, a pobreza e ao que não é belo. Dentre deste contexto, basta olhar o movimento Black Power, nos anos 60, para ver como o cabelo afro, em especial, é uma das características mais chamativas e emblemáticas dentro das manifestações de resistência da negritude. Por conta da relevância social e da minha afinidade pessoal com os temas, a reflexão sobre a negritude através dos cabelos crespos e cacheados foi o objetivo central do meu TCC. Definido o recorte, a grande preocupação era dialogar de maneira acessível e diversificada com o público-alvo do projeto, a população negra. Para isso, o trabalho foi dividido em três eixos temáticos: cultura, identidade e consumo. O livreto é um subproduto do eixo identidade e tem o objetivo de abordar como a autoestima e o autoconhecimento de pessoas negras são construídos durante a infância, através da percepção do próprio cabelo. Algumas questões foram centrais durante a pesquisa. Que conflitos uma pessoa negra vive durante a infância? Como os agentes externos fazem parte desse processo de identidade? Quais são as referências negras da geração passada durante a infância? E quais são as desta geração? Por conta disso, as histórias retratam questões internas vivenciadas pelas crianças e têm como pano de fundo a família, a escola, os amigos, a ancestralidade e a religião, que servem para aumentar a capacidade de autoidentificação durante a leitura.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

No Brasil, o diálogo sobre cabelos naturais crespos e cacheados sofreu um processo de ascensão massiva a partir do momento que mulheres negras passaram a produzir conteúdos sobre isso, principalmente em textos para blogs e vídeos no YouTube. Atualmente, é vasta a produção e disseminação de conteúdos sobre cuidados, tratamentos, penteados, cortes e empoderamento de cabelos que não são lisos. É possível destacar algumas digital influencers que deram início ao movimento, no início dos anos 2010, como a Rayza Nicácio e a Mari Morena, que hoje são vistas como referência nesse segmento. Para termos uma base em números, na plataforma YouTube, o canal Rayza Nicácio possui cerca de 1,7 milhão de inscritos e o canal Mari Morena tem mais de 500 mil inscritos. Os dados são referentes à checagem feita até o dia 31 de agosto de 2020. Esse levantamento aponta para o interesse e a procura por conteúdos sobre cabelos crespos e cacheados no país. Quando recortamos essa discussão para negritude e infância, é comum adentrarmos nos campos afetivo, sentimental e emocional das relações humanas coletivas e individuais. Para pessoas negras, geralmente, os maiores traumas com experiências racistas nascem no período da infância. É nessa fase que sofremos, inconscientemente, agressões que nos perseguirão por toda a vida, por ainda sermos incapazes de compreender o mundo e nos

defender. A Salon Line, empresa brasileira de maior destaque no segmento de produtos para cabelos cacheados e crespos, compilou no vídeo "WEBSÉRIE #TODECACHO EPISÓDIO 01: Como eram seus cabelos na infância?", em 2015, diversos relatos de mulheres pretas. Todos os depoimentos retratam as dificuldades e a falta de conhecimento e de produtos para cuidar desses cabelos não lisos. A fim de transformar essa realidade, dialogando com pais, responsáveis e as próprias crianças, muitos artistas negros passaram a produzir obras como filmes, livros, documentários, animações, histórias em quadrinhos, músicas, dentre outras. Muitas dessas já permeiam a memória afetiva das pessoas pretas, como o livro infantil "Menina Bonita do Laço de Fita" (Editora Ática, 1986), de Ana Maria Machado, e "O cabelo de Lelê" (Companhia Editora Nacional, 2007), de Valéria Belém. Recentemente, outras obras que abordam o empoderamento dos cabelos afro na infância ganharam destaque e reconhecimento internacional. É o caso do curta-metragem animado "Hair Love" (2019), escrito, produzido e dirigido pelo estadunidense Matthew A. Cherry, que traz a emocionante história de uma família negra. Na trama, o pai precisa aprender a cuidar dos cabelos da filha, passa por dificuldades e no fim acaba fortalecendo a relação paternal com a pequena. O filme ganhou o Oscar de Melhor Curta de Animação, em 2020. Todas essas informações serviram como base para a concepção do livreto "Contos Para Crianças Pretas", produto final que está sendo apresentado neste congresso. Naturalmente, outras pesquisas também foram realizadas. Para acumular referências, foi feita uma série de pesquisas em artigos acadêmicos, redes sociais, livros, blogs e outros meios. A intenção era entender o que já estava sendo falado sobre os temas negritude, cabelo afro e infância. Também aconteceram conversas informais com pesquisadores acadêmicos e possíveis personagens para o livreto. Na área acadêmica, visitei algumas contribuições de autoras brasileiras como os artigos "Do Black Power ao Cabelo Crespo: A Construção da Identidade Negra Através do Cabelo" (2015), de Nádia Regina Braga dos Santos, e "Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra" (2008), de Nilma Lino Gomes. Em relação à estética visual do projeto, algumas referências em destaque foram o documentário brasileiro "Das Raízes às Pontas" (2015), realizado pelo Estúdio Cajuína, o filme norte-americano "Felicidade Por Um Fio" (2018), dirigido pela cineasta Haifaa Al-Mansour, e o livro infantil "As Tranças de Bintou", da autora Sylviane Anna Diouf.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

O livreto "Contos Para Crianças Pretas" nasce da vontade de falar sobre questões identitárias com crianças negras, de uma maneira lúdica e leve. Logo, tornou-se fundamental pensar em uma linguagem simples e acessível, sempre tentando estimular a imaginação infantil. Na verdade, a obra também dialoga diretamente com pais e responsáveis, adotando um gênero textual e um tom diferenciado para esse público após os contos. Como ponto de partida, reli o livro infantil "Menina Bonita do Laço de Fita" (Editora Ática, 1986), de Ana Maria Machado, e "O cabelo de Lelê" (Companhia Editora Nacional, 2007), de Valéria Belém. No meio do processo de pesquisa, encontrei o livro "As Tranças de Bintou", da autora Sylviane Anna Diouf. Essas três obras foram a grande base de como eu gostaria de escrever, apostando na valorização da beleza e da personalidade das personagens negras retratadas. Além de, claro, serem base para o estilo das ilustrações que foram produzidas pelo ilustrador e estudante de jornalismo Faruk Segundo. Passada essa fase, parti para entrevistas informais com amigos que pudessem compartilhar lembranças da infância que serviriam de inspiração para os contos. Destaco a história da estudante enfermagem Natthalia Lopes, que passou por vários processos familiares e pessoais até conseguir aceitar os seus cabelos cacheados. O primeiro conto, "Nós de Nala", é baseado livremente no depoimento dela. O segundo conto, "Filha do Vento", mesclou lembranças pessoais de quem eu fui na infância e de quem eu gostaria de ter sido. Já a história do Faruk Segundo, ilustrador do livro, foi inspiração para o terceiro e último conto, "Cajazeira", que fala da relação de um menino negro do interior que sofre opressões dentro da família. Os nomes escolhidos para as personagens também trazem significado e poder. O nome de Nala, protagonista do conto "Nós de Nala", vem da língua Suaíli, na Tanzânia, e significa "rainha". Faraji, o tio de Nala, significa "consolo" e "alento" na língua Suaíli, do Quênia, e é exatamente isso que ele representa para a menina. No conto "Filha do Vento", o nome Aduke é originário da língua Iorubá, na Nigéria, e significa "muito amada". Por fim, no conto "Cajazeira", os nomes Kito e Niara representam "precioso" e "aquela que tem grandes propósitos", respectivamente. Ambos têm origem na língua Suaíli, do Quênia. Dessa forma, o livreto possui três contos ilustrados que falam da relação de afetividade e identidade de crianças negras a partir da percepção do próprio cabelo. Família, escola, amigos, ancestralidade e religião são alguns dos campos explorados nas histórias, recursos que visam aumentar a capacidade de autoidentificação dessas crianças durante a leitura. Ao final da obra, na parte intitulada "Aos pais", há uma reportagem embasada em estatísticas e entrevistas que discute as desigualdades étnicorraciais entre brancos e pretos no Brasil. Enquanto mulher negra, dei-me a liberdade de fazer uma escrita poética embasada em histórias reais, além de colocar minhas próprias vivências e dores, de certa forma. Aqui falo em dores porque a minha geração, assim como as passadas e a posterior, viveram, vivem e ainda viverão uma experiência muito cruel que rejeita o fenótipo de pessoas negras. É certo que há mudanças acontecendo, mas ainda estamos longe da realidade ideal. Falar de identidade para crianças pretas é, principalmente, construir um legado para os agentes transformadores do futuro. É fortalecer um movimento onde pessoas negras aprendem desde a infância que não é feio e nem ruim ser como são. É ruir com a supremacia do ideal de beleza branco e europeu. Partindo para a parte física da obra, "Contos Para Crianças Pretas" foi idealizado no formato A4 (210 x 297mm) para valorizar as ilustrações, que foram produzidas livremente a partir da leitura dos contos. Por se tratar de um livreto infantil, a impressão foi feita em papel couchê fosco 250g (capa) e 115g (miolo), um gramatura de papel mais resistente.